

LINGUAGENS E(M) DIÁLOGO: ENTREVISTA COM JOSÉ LUIZ FIORIN

PET Letras UFAL

Entrevista

José Luiz Fiorin

José Luiz Fiorin é linguista renomado no Brasil e no exterior com vasta publicação de artigos em revistas especializadas, capítulos e livros nas áreas da Semiótica, Análise do Discurso, Enunciação, Argumentação, entre outros temas. Além de pesquisador, professor e escritor, foi representante de área de Letras e Linguística na Capes (1995-1999) e membro do Conselho Deliberativo do CNPq (2000-2004). Atualmente, é professor-associado do Departamento de Linguística da FFLCH da Universidade de São Paulo.

Durante sua participação na X Semana de Letras, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, em setembro de 2017, concedeu entrevista ao grupo PET Letras, na qual conversou sobre o estabelecimento do diálogo entre linguística e literatura, ensino e pesquisa na graduação e sobre o recente livro, por ele organizado, *Os novos caminhos da Linguística*.

Pergunta 1:

Professor Fiorin, o senhor já foi representante de área junto a Capes – entre 1995 e 1999 –, e sempre se posicionou como um ferrenho defensor da união entre as áreas da linguística e da literatura, sobretudo num momento em que se cogitou separá-las em coordenações distintas no âmbito da Capes. No artigo “Linguagem e interdisciplinaridade”, de 2008, o senhor se mostra pessimista quanto à pergunta que lança, qual seja, “é possível renovar o diálogo entre a linguística e a literatura, ele tem chance de acontecer?” Qual sua impressão hoje em dia, passados quase dez anos? Como isso afeta, positiva ou negativamente, a formação nos cursos de Letras do país?

Eu diria que, do ponto de vista teórico, não existe nenhum impedimento para que haja um diálogo entre essas duas áreas. No entanto, do ponto de vista institucional, eu não estou mais otimista do que eu estava há dez anos, ao contrário, estou mais pessimista. Eu estive presente na última reunião da ANPOLL, que é a Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística, e aconteceu uma coisa que eu acho muito interessante. Havia duas mesas-redondas, chamadas “Ciências da linguagem em tempos de crise: aspectos epistemológicos, sociais, políticos e éticos”. Ao final da segunda mesa, levanta-se uma pessoa da área de literatura e faz um protesto, porque havia menos gente de literatura do que de linguística. Tendo falado numa dessas mesas, eu imediatamente me posicionei contra, dizendo que a diretoria não pode andar com fita métrica, contando dois e meio convidados de linguística, dois e meio de literatura. Para que haja uma identidade entre as áreas, a diretoria devia convidar quem ela achava que pudesse participar e dar uma opinião sobre esses aspectos. Isso significa que os aspectos institucionais estão fazendo com que o diálogo entre as suas áreas se torne cada vez mais difícil.

As razões para essa dificuldade de diálogo, talvez seja o desprezo de uma área pela outra. De um lado, os colegas de literatura não veem nenhuma legitimidade nos colegas de linguística para falar a respeito de literatura. Por outro lado, os colegas de linguística manifestam um solene desprezo pela área de literatura, achando que lhes cabe estudar apenas a linguagem do dia-a-dia, da publicidade, dos jornais. Enquanto não houver, por parte dos colegas de literatura, a convicção de que é importante estudar essa forma de linguagem fora do âmbito literário e não houver da parte dos linguistas uma compreensão de que a literatura é a forma de linguagem que leva as possibilidades da língua até os seus limites e que, portanto, a literatura tem um papel muito importante nos estudos da linguagem, eu não acredito que haja possibilidade desse diálogo.

O impacto que essa postura causa é a separação desses campos nos cursos de Letras. Quer dizer, literatura e teoria literária dizem respeito a uma determinada área, linguística e línguas dizem respeito a outra. E acresce a isso um problema muito sério: o curso de Letras não é um curso onde você aprende português, onde se aprende uma língua estrangeira, caso contrário, não haveria nenhuma diferença entre um curso do Ensino Fundamental e Médio e um curso superior de Letras; ou um curso numa escola de idiomas e um curso superior de inglês ou francês. Na verdade, uma graduação em Letras supõe que o aluno que vai fazer um curso de língua estrangeira tenha, ao começar o curso, ao menos um nível médio de conhecimento dessa língua, que ele seja capaz de

falar, de entender, pelo menos num nível médio, para começar o verdadeiro trabalho de um curso superior, que é descrever e explicar os fatos da linguagem humana, entre eles, esse fato singular da linguagem humana que é a literatura. No momento em que me ocupo na graduação em ensinar língua estrangeira, como se isso fosse um curso da Aliança Francesa ou curso da Cultura Inglesa, o curso de língua já perdeu um pouco o seu sentido. O curso de literatura se coloca de costas para todas as necessidades do estudo da linguagem humana. Então, há uma situação meio esquizofrênica que é um curso onde os dois módulos estão de costas um para o outro. Assim, fico me perguntando se esse desejo de separar duas áreas no final vai inviabilizar a possibilidade de nós termos um curso de Letras que seja algo orgânico e que estude a linguagem humana. Eu, francamente, sou muito pessimista sobre as possibilidades institucionais desse diálogo entre linguística e literatura.

Pergunta 2

Recentemente, o senhor organizou um livro no qual apresenta os novos rumos da pesquisa em Linguística. Nesse sentido, o senhor identifica uma abordagem/área de estudos envolvendo linguística e literatura que ainda não foi iniciada ou não teve a repercussão necessária?

Acho que todas as disciplinas que estudam o discurso podem ter uma interface com a literatura. Evidentemente quando falo, por exemplo, de fonologia minha relação com a literatura é uma relação lateral. Por exemplo, quando Matoso Câmara fez sua descrição fonológica do português do Brasil usando como exemplo a poesia para mostrar determinados fenômenos que ele descreve no português do Brasil, diz assim: “no português do Brasil em posição final átona não existe a diferença O/U e E/I, só existem três vogais: A, I e U”. Ele irá mostrar como os poetas parnasianos rimavam palavras que ortograficamente eram terminadas em U e O e palavras que eram terminadas em I e E. Eles eram doutores em rima e rimavam com muito cuidado, pois percebiam que não havia muita diferença entre palavras ortograficamente escritas com U e O, porque nos dois casos seria U, e E e I porque nos dois casos seria I. Posso mostrar que determinados fenômenos fonéticos incidem no fato literário, a mesma coisa diz respeito à morfologia, à sintaxe e assim por diante.

As disciplinas do discurso pretendem desenvolver teorias sobre a realização da linguagem de maneira geral, entre elas o discurso literário. Nesse sentido, embora

tenhamos a possibilidade de uma relação entre estudos do discurso e literatura, na verdade essa relação é feita com muito cuidado, porque, como eu disse antes, os colegas da literatura não veem nenhuma legitimidade no estudo do discurso literário pelos analistas do discurso, usando aqui o termo análise do discurso no sentido muito amplo. Eu coloco nesse rol a Análise do Discurso, a Semiótica, a Análise Crítica do Discurso, as teorias enunciativas, a teoria bakhtiniana, etc. Pouca gente se dedica a isso, precisamos estudar um pouco mais esses aspectos. Eu tenho muito interesse pelo discurso literário, mas nunca me dedico a estudá-lo, a fazer um texto sobre o que eu penso que seja literatura, porque eu acho que isso não encontraria eco nenhum; então o que eu faço é, ao estudar determinados elementos do discurso, exemplificar com elementos do texto literário. Nesse sentido, nós não podemos dizer que estamos tendo novas áreas de desenvolvimento das relações entre a linguística e a literatura porque isso ainda é feito com muita cautela e certa timidez.

Pergunta 3

O Senhor destaca outros capítulos no livro *Os novos caminhos da Linguística*?

O livro trata de novas abordagens, de novas linhas de pesquisa nas áreas de fonologia, de morfologia, de sintaxe e semântica, mas para mim o que mais chamou atenção nesse livro foram duas coisas: primeiro, a introdução à Linguística Computacional, porque a Linguística Computacional é uma área extremamente importante e para qual nós não temos nenhuma vocação. Os linguistas não costumam saber nada de matemática, que é absolutamente indispensável para o desenvolvimento da linguística computacional; e os matemáticos têm um conhecimento rudimentar a respeito de linguagem. Quando você ouve um linguista da computação, que é formado em matemática, falar sobre sintaxe, você fica impressionado com a primariedade com que ele fala sobre o assunto. Os autores do capítulo fazem uma apresentação de uma maneira tão clara, sem nenhuma necessidade de que nós saibamos matemática, mas mostrando a importância que tem a linguística computacional.

Em segundo lugar, o que me chamou atenção nesse livro foi o capítulo que trata da origem da linguagem humana. Vocês sabem que a origem da linguagem humana é uma coisa complicada de explicar, nós não temos nenhum material que permita estudar como a linguagem humana surgiu, todo o conhecimento que temos de língua é um conhecimento a partir da decifração da língua escrita antiga dos egípcios, dos chineses,

dos babilônios etc... O que significa, portanto, que as línguas que nós conhecemos são constituídas como as nossas línguas. Podemos dizer que a linguagem humana surgiu há mais ou menos quantos mil anos, porque o cérebro do *homo sapiens* era do tamanho do nosso cérebro e, portanto, supomos que ele falasse. Quem explicava a origem da linguagem? Os mitos. Faz parte da nossa civilização o mito da origem da linguagem. É o que está na Bíblia: Deus criou o homem, deu um sopro, deu a ele a capacidade de falar e trouxe, diante dele, todos os animais para que o homem desse o nome a cada um. E mais importante que isso, há duas histórias da criação da vida no Gênesis. A primeira, Deus criou o mundo falando “Faça-se a luz” e a luz foi feita. “Separe a água” e os continentes apareceram. A segunda, Deus mexe no barro, cria o homem e ele vive. Depois Ele cria os animais. Ele não cria só o homem moldando o barro. Assim, o mito mostra-nos que o trabalho e a linguagem são duas categorias fundamentais na história e a linguagem nos dá a capacidade divina de criar o universo que quisermos.

No final do século XIX, quando se cria a Sociedade Linguística de Paris, estabelece-se que a origem da linguagem é um tema absolutamente proibido. Porque, nessa época, considerava-se que tudo o que se falava sobre a origem da linguagem era mito. Eram narrativas bonitas, mas que davam explicações sobre aquilo que não tinha explicação nenhuma, e que naquele momento, para a ciência do século XIX, era absolutamente inverídico, não deveria ser discutido. Ora, as novas discussões a respeito de genética e paleontologia estão permitindo recolocar a questão da origem da linguagem sob novas bases e, acreditem, essas questões apareceram de uma maneira muito interessante para mim.

Pergunta 4:

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a flexibilização curricular do Ensino Médio trazem mudanças do paradigma nos ensinos fundamental e médio. Em sua opinião, quais são os novos desafios na formação do linguista ou do licenciado em Letras?

Eu diria que a Base Nacional Comum Curricular, na verdade, ainda não está pronta. Ainda não podemos saber exatamente quais serão as mudanças de paradigma que teremos no ensino Fundamental e Médio. No entanto, eu acho que posso discutir alguns desses desafios.

O primeiro é reabilitar o ensino da Literatura. Quando comecei a ensinar, tínhamos que dar aula de Língua Portuguesa e de Literatura, cujo programa contemplava toda Literatura e sua história. Hoje, talvez seja mais interessante partir de alguns temas importantes para os alunos, como o amor e a amizade, a partir de textos de que eles gostem, como músicas populares, e, ao mesmo tempo, mostrar como esses temas eram tratados em diferentes momentos da história da Literatura, da nossa Literatura. As pessoas dizem “não é possível trabalhar Camões hoje”. No entanto, elas ouvem a música “Amor é fogo que arde sem se ver”, cantada pelo Renato Russo, e gostam disso. O problema não é a poesia de Camões, mas a forma como nós estamos mostrando essa questão. E por que é que eu acho que isso é um desafio? Porque deixar de lado a Literatura é deixar de lado algo importante, que condensa todos os modos de sentir, os modos de interagir, os modos de dizer da nossa cultura. Quer dizer, na medida em que nós não estudamos, não lemos Machado de Assis, não vemos como se manifestavam as relações de poder durante o Segundo Império e como era a classe dominante dessa época, por exemplo.

Temos um segundo desafio importante que é ensinar as linguagens que são chamadas multimodais, ou seja, os conteúdos expressos por diferentes linguagens ao mesmo tempo. Embora sejamos professores principalmente da linguagem verbal, nós não podemos nos esquecer de que hoje temos, principalmente na internet, uma manifestação de textos de múltiplas linguagens, como o visual junto com o verbal ou, às vezes, em oposição.

Um professor de Língua Portuguesa tem que se dedicar a levar o aluno a perceber a magia da linguagem e nisso nós não temos muita diferença. Eu tenho que levar o aluno a se encantar com a beleza da linguagem, a querer se expressar de uma maneira cada vez mais adequada, cada vez mais precisa, cada vez mais criativa. É interessante, por exemplo, quando me perguntam se eu tenho que ensinar gramática. Sim, eu preciso ensinar, mas eu preciso ensiná-la não para o aluno aprender gramática, mas para ele ser capaz, de um lado, a expor com precisão e com firmeza aquilo que ele quer expor e, de outro lado, para ele ser capaz de violar intencionalmente as regras da gramática para dizer de forma criativa algo que quer dizer.

São desafios novos porque estamos em um tempo de baixa da literatura. Estamos em um tempo em que a internet explodiu trazendo novas textualidades, mas estamos diante de uma coisa antiga que a escola sempre precisou fazer: ensinar a beleza do conhecimento, ou seja, atrair o aluno para ter curiosidade para essa coisa fantástica que

é o conhecimento das línguas. Conhecer uma língua é conhecer o ser humano que fala essa língua, porque uma língua é uma maneira de perceber o mundo, é uma maneira de categorizar o mundo.

Nós estamos em um momento em que a escola se encontra com alunos muito apáticos e, às vezes, até no ensino superior de Letras, eu vejo essa apatia nos alunos. Recentemente, a Folha de São Paulo trouxe uma matéria, na primeira página, falando sobre a violência na escola. É uma tristeza muito grande ver que há esse problema de violência contra professores ou entre os próprios alunos, porque a escola tem de ter um papel significativo na sociedade, e cabe a nós resgatar esse papel. Cecilia Meireles, no poema *Romance das palavras aéreas*, diz: “A liberdade das almas, ai! com letras se elabora”. Isso é verdade, pois, na medida em que conheço o poder da linguagem, eu sou capaz de perceber que posso criar novos mundos a partir da linguagem. Nós não somos professores de ortografia, nós somos professores da liberdade das almas, e esse é o nosso grande desafio.

Pergunta 5

O PET é um programa que propõe a seus integrantes uma trilha de pesquisa relacionada a não especialização precoce, ou seja, a realização de um contato prévio com várias áreas de graduação antes de seguirem para uma determinada linha de pesquisa de interesse. Essa característica, por ser algo peculiar, caminha numa direção diferente do que presenciam corriqueiramente no ambiente da graduação. Com base nisso, como o senhor analisa a orientação do programa comparado ao cenário de contato científico único e precoce?

A especialização um pouco precoce não é o mal maior da graduação; o mal maior é que, se eu considerar na sua totalidade, a graduação não se relaciona com a pesquisa, ou seja, o aluno de graduação não se vê como participante de um projeto em que ele deve se aprofundar com vistas a, no futuro, se formar como pesquisador. Eu acho que a graduação, na verdade, perdeu profundidade, perdeu substância, perdeu dimensão. Eu acho muito mais interessante a proposta do grupo PET, de que haja um aprofundamento em áreas diferentes antes de uma especialização precoce como começar uma iniciação científica numa determinada área bem determinada já no primeiro ano de graduação, deixando de lado todos os outros aspectos. A proposta do

PET é, por um lado, resgatar o verdadeiro sentido da graduação. Colocar a graduação não como um curso de aprender língua, mas como um curso de reflexão sobre a linguagem. Ao mesmo tempo, o PET não induz a uma especialização precoce e, portanto, permite que o aluno tenha uma verdadeira graduação na área de Letras; o que deveria ser para todo o mundo. Vêm para o PET aqueles que são mais vocacionados a um dia se tornarem pesquisadores na área de Letras. Claro que nem todo o mundo que está na graduação tem essa vocação de fazer mestrado, doutorado, mas não podemos reduzir a nossa graduação a um curso de língua como um curso ministrado numa escola de idiomas.